

ESTUDO ERGONÔMICO COMPARATIVO ENTRE ENFERMEIROS E TÉCNICOS DE ENFERMAGEM EM AMBIENTE HOSPITALAR

Andresa dos Santos Ferreira

Graduanda em Fisioterapia/ ISECENSA/ RJ
andresaferreiraz@hotmail.com

Gabriela Manhães Braga Rangel

Graduanda em Fisioterapia/ ISECENSA/ RJ
gabriela.braga11@hotmail.com

Laura Boechat P. de A. Sales

Graduanda em Fisioterapia/ ISECENSA/ RJ
laurabsales@hotmail.com

Luma Melo de Souza Cruz

Graduanda em Fisioterapia/ ISECENSA/ RJ
meloluma@hotmail.com

Millena Andrade Oliveira da Silva

Graduanda em Fisioterapia/ ISECENSA/ RJ
millena.andrade@hotmail.com

Júlia Azevedo Monteiro - Orientadora

Docente, Fisioterapeuta e Ergonomista no ISECENSA
jfsiomonteiro@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho configura-se através de um estudo ergonômico comparativo entre a atividade de trabalho de Enfermeiros e Técnicos de Enfermagem, devido à ergonomia ser conhecida como a “ciência do trabalho”, a ciência essencial na adequação de um ambiente ocupacional favorável, pois utiliza princípios e métodos para analisar a atividade de trabalho de forma real para assim sugerir e/ou projetar adequações necessárias nesse ambiente visando facilitar a execução do trabalho de acordo com as capacidades, habilidades dos trabalhadores. Assim, foi realizado um estudo comparativo entre enfermeiros e técnicos de enfermagem que atuam com pacientes oncológicos em ambiente hospitalar privado de Campos dos Goytacazes, observando o comportamento desses profissionais durante a execução do trabalho. Uma pesquisa exploratória para comparação de enfermeiros e os técnicos de enfermagem, os quais foram entrevistados de forma individual e direta através do questionário: QVS – 80 (adaptado) com 18 perguntas incluindo o Diagrama de Corlett, onde será avaliado dor e desconforto músculo esquelético. Visando sugerir modificações que minimizem a exposição as situações de sobrecarga, os movimentos repetitivos e as posturas inadequadas adotadas durante o trabalho.

Palavras-chave: Ergonomia; Enfermagem; Doenças Ocupacionais; Fisioterapia.

ABSTRACT

The following paper is presented through an ergonomic study comparing the work activities between Nurses and Nursing Technicians, due to ergonomics be recognized as a “science of work”. The essential Science in the adaptation of a favorable occupational environment, because it uses principles and methods to analyze the work activity in a real way so as to suggest and/or project necessary adaptations of such environment aiming to facilitate the execution of work according to the capacities and abilities of workers. Thus, a comparative study between nurses and technicians who work with oncologic patients in private hospitals in Campos dos Goytacazes was made, observing the behavior of such professionals during their work execution. An exploratory research to compare nurses and nursing technicians, who were interviewed in an individual and direct through a quiz: QVS – 80 (adapted) with 18 questions including Corlett Diagram, where pain and discomfort in the skeletal muscle will be evaluated, aiming to suggest modifications that minimize the exposition to overloading situations, the repetitive movements and inadequate postures adopted during work.

Keywords: Ergonomics; Nursing; Occupational diseases; Physiotherapy.

1- INTRODUÇÃO

No contexto mundial, os indivíduos que trabalham na área de saúde, formam uma categoria profissional grande, bastante diferenciada e que necessita de valorização mais ampla. Porém, essa situação não tem a devida importância em relação a outras áreas de atuação, mas mesmo que de forma tardia, o sistema de saúde, vem exibindo uma atenção direcionada aos riscos que esses colaboradores estão expostos, as exigências que são feitas, a carga de trabalho que possuem, o comportamento desses trabalhadores durante a atividade e a tarefa que exercem, a preocupação com o manuseio de determinados instrumentos e a capacidade em lidar com as dificuldades e intercorrências existentes no ambiente laboral (MAURO, 2006).

No meio ambiente hospitalar uma das atividades mais encontradas é a atividade de trabalho de enfermagem que pode ser executada por enfermeiros e por técnicos de enfermagem que possuem grau de formação diferente e que conseqüentemente assumem cargos diferentes na hierarquia da escala de trabalho. (FISCHBORN, 2015). Desta forma, enfermeiros são profissionais que possuem graduação no curso de enfermagem, e que não realizam apenas atividades auxiliares e de cuidado voltado para os pacientes, mas atuam também na supervisão dos técnicos de enfermagem, em funções administrativas de gestão e organização. Já os técnicos de enfermagem, como o nome já relata, dispõem de formação técnica e devido a isso, são responsáveis por tarefas com complexidades menores, geralmente auxiliando ao enfermeiro e não atuando de forma direta nas escolhas relacionadas ao trabalho. (PIRES, 1998).

Esses profissionais, atuam no dia a dia com ações que incluem tratamentos diretos com interação com o usuário, tanto em intervenções em aspectos fisiológicos como em aspectos psicossociais que incluem atividades práticas, de apoio e aconselhamento. Porém, esses também podem ser caracterizados como tratamentos indiretos, que são ações distantes dos pacientes, o que não deixaria de beneficiá-los, como gerenciamento de unidades e participação interdisciplinar. (BULECHEK, BUTCHER, DOCHTERMAN, 2010).

No dia a dia, essa classe de trabalhadores, possui uma carga horária de 120 a 180 horas mensal em condição de trabalho precário, carregam peso, empurram máquinas ou pacientes em cadeiras de rodas inadequadas, permanecem muitas horas em pé, e não são preparados para realizar essas tarefas de forma

correta e preventiva a lesões, possuindo pausas mínimas entre essas atividades (POSSARI 2011). Dessa forma, estes profissionais estão expostos a diversos riscos de trabalho que possuem causas inter-relacionadas, algumas relacionadas com a falta de adequação ergonômica no ambiente laboral, outras relacionadas com a própria atividade de trabalho que maximizam a probabilidade do aparecimento destes. (COMÉLIO, 2005)

A NR 17, Norma Regulamentadora que aborda a Ergonomia, relata que o trabalho que têm como atividade de levantamento de material feito com equipamento mecânico de ação manual deve ser realizada de um jeito que o esforço físico exercido pelo colaborador esteja de acordo com a sua capacidade de força eliminando a possibilidade de comprometimento a segurança e a saúde do colaborador. Desta forma a atuação é voltada para promoção e a prevenção da saúde das pessoas, e os profissionais de enfermagem geralmente atuam em ambientes de trabalho que não possuem adaptações ergonômicas e quando elas existem são precárias. Por isso, a realização da tarefa e da atividade de trabalho acabam influenciando na ocorrência de danos na capacidade e condição física desses profissionais (ROMANI, 2001), pois a maioria dos equipamentos utilizados nesses ambientes laborais, não possuem adequações ergonômicas de forma adequada (RUGELJ, 2003).

Dentro da ergonomia, existe a AET, análise ergonômica do trabalho, que consiste em um conjunto de técnicas e métodos que estuda as atividades das pessoas como fonte principal de informação para eventuais mudanças no trabalho. O objetivo é a formação de conhecimentos sobre a situação de trabalho, à melhora da saúde dos trabalhadores. Leva em consideração a produção e a segurança e apresenta dois pressupostos básicos: a participação do trabalhador na intervenção ergonômica e o estudo da atividade realizado no próprio local de trabalho, que é composto de três fases: a análise da demanda (definir o problema), a análise da tarefa (levantar dados referentes aos objetivos e resultados) e a análise da atividade (compreender o trabalho realizado) (RIBEIRO et al., 2004).

Assim, a aplicabilidade dos conhecimentos da Ergonomia com a finalidade de apontar alternativas que reduzam os constrangimentos impostos aos trabalhadores, como estabelecer recomendações que possam orientar a criação de ambientes de trabalho mais cooperativos e motivadores, tem significativa relevância, uma vez que oportuniza a conscientização dos trabalhadores quanto aos meios necessários à prevenção do estresse ocupacional (SANTOS et al., 2005).

2- METODOLOGIA

A pesquisa exploratória será realizada em um hospital privado localizado na cidade de Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro, no setor de oncologia, para a comparação das atividades de trabalho de enfermeiros e técnicos, onde será utilizado questionário aplicado de forma direta a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética: Questionário de qualidade de vida (QVS – 80 adaptado) objetivando análise do componente físico da ergonomia contendo 18 perguntas visando encontrar dados sobre sua saúde real e a auto avaliação. Inserido neste questionário, o diagrama de Corlett tem como objetivo mapear dores e desconforto do sistema músculo esquelético dividido em Membros do lado direito, membros do lado esquerdo e eixo vertebral (MENDES *et al.*, 2008).

Os funcionários que serão submetidos ao estudo, serão enfermeiros e técnicos de enfermagem, com carteira de trabalho assinada – celetistas e que atuam nas unidades de tratamento de oncologia.

Funcionários portadores de distúrbio neurológico ou desordens que prejudiquem o entendimento e comunicação com o pesquisador, ou aqueles que tenham histórico de afastamento do trabalho pela Psiquiatria, ou mesmo funcionários que possuam outros cargos dentro de um determinado hospital público em Campos dos Goytacazes serão excluídos e não participando da pesquisa.

A hipótese nula é que os enfermeiros e os técnicos de enfermagem de hospitais privados NÃO possuem maior probabilidade de adquirirem alterações músculo esqueléticas devido ao relacionamento entre à atividade de trabalho e ausência de ambiente ergonomicamente correto. Diferente da hipótese alternativa que afirma que esses profissionais possuem SIM maior probabilidade de adquirirem alterações musculo esqueléticas devido suas atividades e falta do ambiente ergonômico correto.

Será demonstrada a análise descritiva dos dados da pesquisa. As proporções serão apresentadas através de porcentagens, média e desvio padrão. Serão construídos gráficos ilustrativos para as variáveis analisadas.

3- RESULTADOS

O estudo foi realizado, com uma amostra de 17 colaboradores da equipe de enfermagem divididos em dois grupos (100%), 6 são do grupo dos enfermeiros (35%) e 11 são do grupo dos técnicos de enfermagem (65%), a faixa etária encontrada foi de 34 anos, sendo 17,6% do gênero Masculino e 82,4% do gênero feminino escolhidos de acordo com os critérios propostos onde os mesmos apresentaram as seguintes médias: idade de 34 anos, peso 70 Kg, altura 1,64 cm e IMC 25,78.

No grupo dos enfermeiros, 5 colaboradores relatam presença de dor e apenas um relata não sentir. Não relatam doenças cardiovasculares, respiratórias, metabólicas. No grupo dos técnicos de enfermagem, todos relatam presença de dor. Não relatam doenças respiratórias e metabólicas, porém 3 colaboradores relatam doença cardiovascular. Através dos achados do QVS 80, que considera a autoavaliação dos colaboradores, a avaliação foi global, onde constatou-se tanto no grupo dos enfermeiros, quanto no grupo dos técnicos de enfermagem, que a maioria relata boa qualidade de vida. Porém, a maioria apresenta perfil sedentário e existe prevalência de queixa de dor.

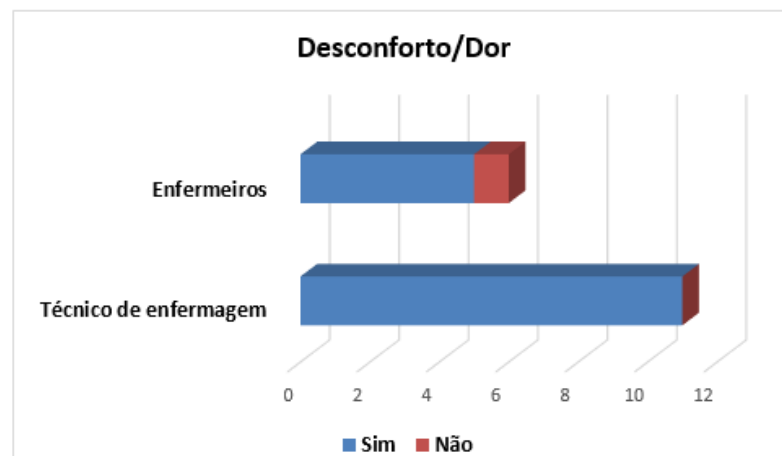


Figura 1: Representatividade da amostra em relação à dor.

Foi constatado também, através de entrevistas diretas, que o grupo de técnicos de enfermagem executam atividades com maior sobrecarga física como banho de paciente no leito, transferências e mudanças de decúbitos, transporte de pacientes em macas, sobe e desce escada durante o período no trabalho para buscar materiais, medicamentos e fazem as medicações prescritas nos pacientes. Já os enfermeiros são responsáveis por atividades com maior sobrecarga cognitiva como atividades administrativas e burocráticas

de preenchimentos de prontuários, fiscalização de medicamentos, comunicação com os familiares e médicos, e supervisão do trabalho.

Corroborando o resultado acima, foi verificado, em percentual, o tempo de postura em pé, se movendo e sentado em que os enfermeiros e os técnicos de enfermagem permanecem no decorrer do trabalho, onde o grupo de técnicos de enfermagem trabalham em pé e em movimento cerca de 78% e 22% sentados e os enfermeiros trabalham em pé e se movimentando cerca de 20% e 80% sentados.

Mediante a análise dos dados obtidos com o uso do Questionário de Qualidade de Vida (QVS-80) constata-se que os resultados de maior destaque no Diagrama Corllet referente aos locais de maior intensidade de dor e desconforto são: joelho (11,8%); ombro (5,9%); lombar (64,7%); pé (17,6%); pescoço (11,8%); perna (35,3%); bacia (17,6%); coluna superior (5,9%); coluna média (11,8%); cervical (5,9%); tornozelo (5,9%). Destaca-se também o tempo elevado (4 a 7 horas) que os funcionários permanecem sentados (54%) e a pouca circulação no ambiente de trabalho sendo classificado como às vezes (45%) no questionário.

A figura 2 mostra os locais com maior intensidade de dor identificados no diagrama de Collert presente no Questionário de qualidade de vida (QVS – 80 adaptado).

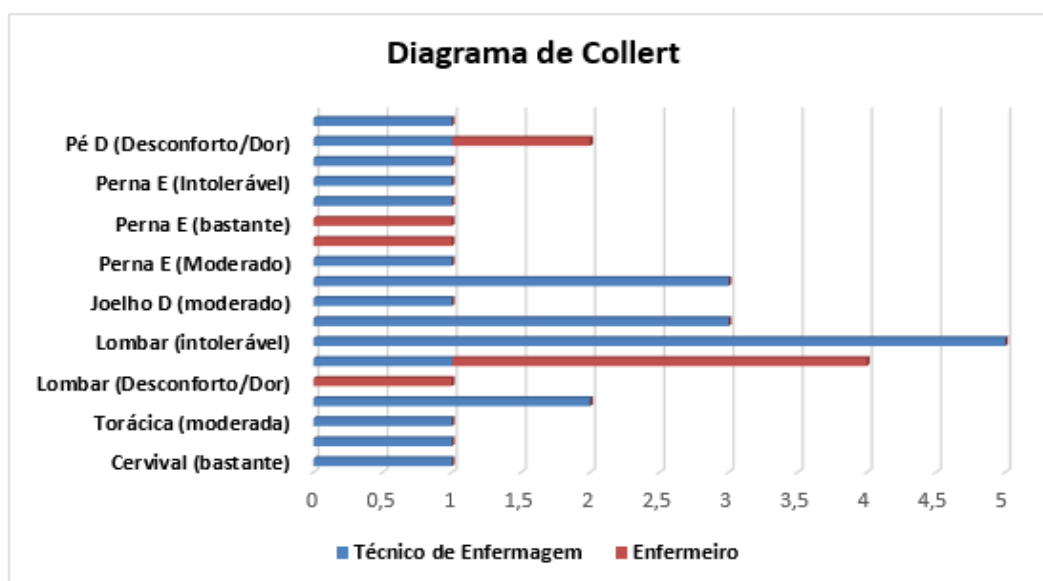


Figura 2: Representação dos locais de dor e/ou desconforto.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término desse estudo, observa-se que há um maior índice de dor em técnicos de enfermagem que em enfermeiros, pois vimos que o trabalho realizado entre os dois grupos têm uma ampla diferença; onde o primeiro grupo realiza o trabalho de transferência de paciente, uso de escadas para adquirir medicamentos e utilitários, levá-los até as salas de exames, banho, troca de fralda, dentre outras atividades. Os enfermeiros, porém, fazem o trabalho mais burocrático: realização de prontuário, fiscalização de medicamentos, comunicação com os familiares e médicos, e supervisão do trabalho da equipe dos técnicos de enfermagem.

Além disso, os profissionais relatam que sabem o modo de executar as técnicas ergonômicas durante o trabalho, porém pela alta demanda de tarefas e falta de equipamentos adequados não as realizam de forma correta, gerando assim, um quadro de desconforto e dor.

Assim, através deste trabalho, se torna possível a criação de técnicas e recomendações específicas aos profissionais, as quais possam ser concretizadas e postas em práticas. Visando fazer um trabalho de prevenção e promoção, melhorando suas qualidades de vida no trabalho e socialmente.

5- REFERÊNCIAS

Atribuições do Fisioterapeuta Segundo a CBO – Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho. In: MINISTÉRIO DO TRABALHO. Manual de Aplicação da Norma Regulamentadora No. 17 (NR17). Brasil. Disponível em <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2236>>. Acesso em: 3 set. 2007.2 ed. Brasília : MTE, SIT, 2002.

DOCHTERMAN, Joanne McCloskey; BULECHEK, Gloria M. Classificação das intervenções de enfermagem (NIC), Artmed; São Paulo, 2010.

COFFITO – Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional: Enfim, a jornada máxima de 30 horas. O COFFITO. São Paulo, ano 1, n. 1, jan. 1995.

COMÉLIO, ME. ALEXANDRE, NMC. Avaliação de uma cadeira de banho utilizado

em ambiente hospitalar: uma abordagem ergonômica. Rev. Bras. Enferm. n. 58(4), p. 405-410, 2005.

DYNIWICZ, A. MOSER, A. SANTOS, A. PIZZONI, H. Avaliação da qualidade de

vida de trabalhadores em empresa metalúrgica. Revista Fisioterapia em Movimento, 2009.

FISCHBORN, F A. VIEGAS, M F. A atividade dos trabalhadores de enfermagem numa unidade hospitalar: entre normas e renormalizações. Trab. Educ. Saúde. Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 657-674, set./dez. 2015.

MAURO, MYC. Inovação de gestão das condições de trabalho em saúde para hospitais do Sistema Único de Saúde–SUS/Brasil. Rio de Janeiro (RJ). 2006. Projeto apresentado ao CNPQ. Mimeografado.

RIBEIRO, Pollyanna. SIAO, Ludmila. VIMIEIRO, Sandra. VASCONCELOS, Renata. Estudo de caso: Aplicação da Análise Ergonômica do Trabalho em três situações de uma fábrica de móveis e perfilados. In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE ERGONOMIA, 2004.

ROMANI, JCP. Distúrbios músculo-esqueléticos em fisioterapeutas: incidência, causas e alterações na rotina de trabalho. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

RUGEIJ, D. Lowbackpainandotherwork-related musculoskeleta problems

POSSARI, João Francisco. Dimensionamento de profissionais de enfermagem em Centro Cirúrgico Especializado em Oncologia: análise dos indicadores intervenientes. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.